



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

DO BRANQUEAMENTO SILENCIADOR AO PROTAGONISMO QUESTIONÁVEL: AS PRINCESAS NEGRAS NA LITERATURA JUVENIL E A (RE)DESCOBERTA DA MEMÓRIA AFRICANA

Jhennefer Alves Macêdo; Daniela Maria Segabinazi

*Universidade Federal da Paraíba – UFPB, jhenneferufpb@outlook.com; Universidade
Federal da Paraíba – UFPB, dani.segabinazi@gmail.com*

Resumo: Os contos de fadas têm sido contados e recontados durante muitas décadas, suas histórias continuam a enriquecer o imaginário de crianças que se deleitam nos encantamentos das narrativas de princesas, como Cinderela e Rapunzel. Através da leitura desses clássicos é perceptível observar que os traços europeus sempre nortearam a caracterização da imagem das princesas, bem como a estrutura dessas narrativas. No intuito de buscar um distanciamento desse padrão tradicional, têm surgido narrativas contemporâneas que propagam o mundo encantado das princesas a partir de um novo modelo de contos de fadas, dessa vez as princesas são negras e algumas desconhecidas em decorrência do longo processo de branqueamento que se consolidou durante séculos nas narrativas clássicas. Porém, ao lado dessas publicações, que estão contribuindo para o (re)conhecimento da memória africana, estão outras de qualidades duvidosas, pois protagonizam princesas negras apenas por um reconhecimento da cor de pele. Então, por compreender a importância dos contos de fadas na constituição do imaginário infantil, bem como seu papel fundamental para a propagação da cultura dos povos, o presente trabalho investiga as recentes publicações em que princesas negras são protagonistas nos enredos literários, realizando uma análise comparativa entre os contos de fadas, do século XIX, e as narrativas contemporâneas, objetivando um estudo acerca dos elementos estéticos que constituem essas obras, bem como a originalidade das temáticas que as norteiam. Para dar suporte a essa discussão, recorreremos a teóricos como Coelho (1991); Machado (2002); Zilberman (2003) e Lajolo e Zilberman (2010).

Palavras- chave: Literatura africana, Contos de populares, Princesas negras.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



INTRODUÇÃO

Sabemos que uma boa história lida ou ouvida durante a infância terá o poder de contribuir para a construção do imaginário infantil e marcar para sempre a memória de uma criança. Não importa quanto tempo se passe desde o primeiro contato com aquele livro escrito ou ilustrado que se tornou inesquecível, seus ensinamentos ecoarão sempre na memória daqueles que um dia foram tocados verdadeiramente pela literatura infantil. Algumas histórias contadas oralmente e reescritas nos livros tornam-se referências permanentes que levamos por toda a vida e que, em alguns momentos, acabamos por revisitá-las.

As contribuições dos contos populares através do texto escrito e/ou ilustrado não se limitam apenas à construção do imaginário infantil, suas influências estendem-se para a propagação da tradição popular e da cultura de povos que foram pouco exploradas. É certo que essas narrativas tão famosas entre as crianças e tão presentes em livrarias e bibliotecas não recebem o mesmo prestígio da academia como os outros livros que inseridos nas elites literárias costumam receber.

Segundo Machado (2002, p.68), “muitas vezes, são consideradas apenas histórias infantis” e, por isso, vistas como pouco importantes. Outras vezes, ocorre o processo inverso: por serem consideradas pouco importantes e sem nobreza literária, se acha que podem então ser destinadas às crianças.” Essa visão preconceituosa e arcaica é totalmente equivocada quando comparada à qualidade artística e à força cultural que os clássicos contos populares possuem. Além disso, essas narrativas perpassaram gerações e ainda significam muito em nosso tempo e por isso os chamamos de clássicos.

Entre as muitas possibilidades que a leitura de um clássico nos oferece, está a de lermos criticamente uma história que nos está sendo contada, isso provavelmente não acontece nas primeiras leituras da infância, já que nesse momento estamos mergulhados nas histórias mágicas, completamente envolvidos com a possibilidade de nos transportarmos para o mundo dos personagens e lá sermos capazes de viver uma história como se fizesse parte da nossa realidade. Apenas a partir do nosso amadurecimento literário, conseguimos realizar releituras sob um novo olhar, nesse momento, enxergamos as narrativas com uma visão de leitor questionador, o qual nos leva a observar elementos que até então estavam invisíveis.

Foi a partir da leitura dos contos populares que estão sendo adaptados na literatura brasileira com princesas africanas, que algumas



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

observações passaram a nos inquietar. A partir de um olhar inicial e atento para essas obras, passamos a compreender que muitos escritores que ainda continuam a se respaldar em fontes europeias para produzir suas narrativas e que a imagem das princesas africanas, na verdade, ainda está fortemente ligada à figura da princesa europeia já retratada entre os clássicos infantis.

Sabemos que existe uma forte ligação entre Brasil e África, visto que herdamos desse continente riquezas culturais, religiosas e históricas de valor inestimável. Essas ligações por muito tempo foram esquecidas e até mesmo renegadas das narrativas literárias destinadas ao público infantil e juvenil. Somente a partir do ano de 2003, com a promulgação da Lei 10.639/03, um novo período se iniciou na literatura brasileira e o sistema educacional, que por tanto tempo rejeitou as histórias africanas, busca agora reparar os erros cometidos e passa a permitir que crianças e jovens leitores tenham contato com a riqueza da cultura e tradição oral do povo africano.

A partir disso os escritores brasileiros voltaram os olhares para o continente esquecido, e passaram a inserir em suas narrativas personagens negros com raízes nas histórias africanas e afro-brasileiras. Dentre esses personagens que mesmo de maneira tímida começaram a aparecer na literatura, estão as princesas africanas. É certo que estamos séculos em atraso em relação aos demais contos de princesas que foram recolhidos da cultura popular europeia, mas é preciso e necessário recuperar as histórias africanas.

Reconhecemos que a promulgação da Lei 10.639/03 foi um importante fio condutor que levou ao aparecimento mais considerável de personagens negros nas obras juvenis, contribuindo, assim, para a (re)descoberta de algumas histórias africanas, especialmente as de suas princesas. Porém, além de reconhecermos a importância dessa lei, sabemos que alguns fatores são fundamentais para a consolidação da literatura africana nas narrativas juvenis. Para tal, é preciso que documentos norteadores de práticas educacionais, assim como políticas públicas de leitura e as editoras nacionais de livros literários, se adequem as exigências propostas pela Lei.

Enfatizamos ainda que um fator primordial para o avanço da literatura africana é a compreensão de que nosso público juvenil necessita de obras com temáticas africanas cuidadosamente construídas, obras que retratem as histórias do povo negro não como algo distanciado, mas como algo que nos pertence, do qual também fazemos parte, e que ao ler as narrativas nos encontremos nas histórias que estão sendo narradas. Para que isso ocorra é

preciso à construção de obras que busquem o resgate de

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br

memórias e o reencontro entre as origens, algo que a literatura é capaz de promover.

A partir dessas constatações iniciais, propomo-nos a desenvolver um trabalho que estude, investigue, analise e reflita sobre as progressões e as problemáticas que estão arraigadas nas obras contemporâneas com princesas negras africanas.

1. ENTRE SILÊNCIOS E ESTERIÓTIPOS: AS RELEITURAS DOS CLÁSSICOS EUROPEUS

Os contos populares têm sido contados e recontados durante muitas décadas, suas histórias continuam a enriquecer o imaginário de crianças que se deleitam nos encantamentos das narrativas de princesas, como Cinderela. Rapunzel e Branca de Neve. Através da leitura desses clássicos é perceptível observar que os traços europeus sempre nortearam a caracterização da imagem das princesas, bem como os elementos que compõem essas narrativas.

No intuito de buscar um distanciamento desse padrão tradicional, têm surgido narrativas contemporâneas que propagam o mundo encantado das princesas a partir de um novo modelo de contos populares, dessa vez as princesas são negras e algumas desconhecidas em decorrência do longo processo de branqueamento que se consolidou durante séculos nas narrativas clássicas.

Então, por reconhecermos a importância dos contos populares na constituição do imaginário infantil, bem como seu papel fundamental para a propagação da cultura dos povos, pretendemos investigar as recentes publicações em que princesas negras são protagonistas nos enredos literários, realizando uma análise a qual objetiva desenvolver um estudo acerca dos elementos estéticos que constituem essas obras, bem como as especificidades das temáticas que as norteiam.

Entretanto, antes de iniciarmos nossa análise, é imprescindível investigarmos a origem da literatura infantil e concomitantemente a dos contos populares tanto no texto escrito quanto no ilustrado. Para que essa investigação seja bem-sucedida, retornaremos a tempos longínquos, precisamente a terras europeias entre os séculos IX e XVIII, para assim entendermos os conceitos de infância que regem as adaptações dos contos populares desde seu período de surgimento. A partir desse estudo, poderemos conhecer os aspectos estéticos e ideológicos presentes nos textos verbais e visuais das narrativas clássicas.

1.1. O surgimento dos Contos Populares na Europa: Breve Histórico da Literatura Infantil

Os contos populares, gênero de total importância no que diz respeito à tradição literária direcionada ao público infantil, teve seu fortalecimento em continentes europeus. Durante a idade média surgia uma literatura com duas fontes diferentes: uma popular, que derivava de narrações orientais ou gregas, e a outra, a narrativa culta, que se originou a partir de aventuras de cavalarias com inspiração ocidental. Sobre isso, Coelho (1991) apresenta alguns apontamentos:

Nestas, é realçado um idealismo extremo e um mundo de magia e de maravilhas completamente estranhas à vida real e concreta do dia-a-dia. Naquela, afirmam-se os problemas da vida cotidiana, os valores de comportamento ético-social ou as “lições” advindas da sabedoria prática. (COELHO, 1991, p.30)

Entre os séculos IX e X circula na Europa a literatura popular oral, essa que anos mais tarde seria conhecida como as raízes da literatura infantil. Através de relatos orais essas histórias eram perpassadas através da sociedade, recontando experiências vivenciadas durante o cotidiano e transmitindo ideais, tendo como funções principais divertir e ensinar. Trazendo marcas de um contexto de guerra, as marcas de uma violência quase que comum naquela época acabou aparecendo em algumas narrativas; contudo, essas marcas foram desaparecendo conforme o passar do tempo e a adequação para cada contexto de sociedade nas quais as histórias eram recontadas.

No século XVII, período do Classicismo Francês e durante o reinado monárquico de Luís XIV (1638-1715), teve início uma manifestação de preocupação em elaborar uma literatura que estivesse voltada para as crianças. Inicialmente essa literatura foi criada a partir dos contos populares anteriormente citados. Coelho (1991), em seus estudos, aponta que até o século XVII essas histórias foram se modificando nas vozes da sociedade europeia, e passaram a se tornar em narrativas folclóricas. Segundo os estudos de Coelho (1991) alguns personagens faziam parte das narrativas que os escritores foram editando para as crianças:

Cavaleiros andantes, reis, rainhas, princesas e príncipes bons e maus, fadas, bruxas, metamorfoses de criaturas humanas em animais (ou vice-versa), ogros e ogresas canibalescos, maldições, profecias, madrastas, crianças abandonadas, crianças que são entregues a



alguém para serem mortas, fantasmas e magos, gênios benfazejos e malfazejos... é a fantástica legião de personagens que a partir do século XVII os escritores cultos vão descobrir na tradição oral dos povos europeus e criar a Literatura Infantil que hoje conhecemos como “tradicional”. (COELHO, 1991, p. 66)

As primeiras histórias direcionadas ao público infantil foram editadas entre 1668 e 1697 e ficaram conhecidas como as *Fábulas* de Jean de La Fontaine (1621 – 1695), *As Aventuras de Telêmaco*, de François Salignac de la Mothe Fénelon (1651-1715) e os *Contos de Mamãe Gansa* (com original de Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades), de Charles Perrault (1628-1703). O escritor Charles Perrault (1628-1703) ainda reuniu oito contos que faziam parte das narrativas folclóricas contadas e recontadas entre camponeses, governantes e serventes de uma classe social inferiorizada e oprimida na Europa Feudal. Dentre essas histórias que foram recolhidas da memória do povo estão “*A Bela adormecida no Bosque*”, “*Chapeuzinho Vermelho*” e “*Cinderela*” – Esses recontos foram organizados pelo escritor e editados por ele para que estivessem de acordo com as exigências da corte de Luís XIV.

Segundo Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2010), Charles Perrault foi responsável pelo surto de Literatura Infantil, determinando a incorporação dos textos de La Fontaine e Fénelon. Seu livro trouxe uma preferência pelo conto de fadas, que era até aquele momento transmitido oralmente pela população:

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo impulso determina, retroativamente, a incorporação dos textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência inaudita pelo conto de fadas, literarizando uma produção até aquele momento de natureza popular e circulação oral, adotada doravante como principal literatura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2010, p.16)

Uma de suas edições que mais tornaram-se conhecidas e que por fim consagrou-se em um clássico da literatura juvenil foi a história de Cinderela. Na primeira versão editada por Perrault, o escritor narra à história de um fidalgo que se casou com uma mulher soberba e orgulhosa a qual tinha duas filhas de temperamentos iguais ao seu. “Mal foi celebrado o casamento, a madrasta já começou a mostrar o seu mau humor. Ela não tolerava as boas qualidades da enteada.” (PERRAULT, 2004, p.2).

Junto ao texto escrito, as ilustrações também tiveram sua ascensão e reconhecimento a

partir dos contos populares escritos por Perrault e publicados em 1867 no livro *Les Contes*. Esses contos

foram ilustrados em preto e branco, por Paul Gustave Doré (1832- 1883) e tinham como principal característica a riqueza de detalhes.

1.1.2. Da Europa ao Brasil: Os primeiros passos da literatura infantil nacional

A literatura infantil surgida na Europa no século XVII só teve seu início no Brasil no fim do século XIX. Segundo Coelho (1991), durante a primeira metade do século XIX, em 1808, com a mudança da corte portuguesa para o Brasil, o país inicia uma caminhada rumo ao progresso econômico, independência política e a conquista da cultura para colocá-lo entre as nações civilizadas do Ocidente. D. João VI, para preparar a colônia brasileira para ser a nova sede de Portugal, fez tudo o que precisava ser feito em um tempo bastante curto; em 1822, o Príncipe Dom Pedro reage à decisão da nova Constituição Portuguesa, que pretendia fazer o Brasil voltar a ser colônia, e proclama a independência se tornando Imperador do Brasil, com o título de D. Pedro I.

Nesse período, não apenas o universo político passava por transformações, alguns conceitos da sociedade começavam a se transformar visando mudanças e reivindicações, dentre elas estavam novas iniciativas educacionais e um novo olhar para as crianças que careciam de obras literárias que estivessem voltadas para essa faixa etária. Dentro desse contexto de mudanças, há o surgimento dos primeiros livros destinados as crianças, que nesse momento surgem para atender aos pedidos do grupo social dominante.

No entanto, o Brasil ainda não possuía uma tradição literária no tocante ao ramo de mercado editorial destinada ao público infantil, e diante dessa realidade os países estrangeiros, especificamente a Europa, continuaram a designar os modelos de produções infantis; modelos esses que foram adotados pelo Brasil em um momento que sua literatura infantil começava a dar os primeiros passos.

Regina Zilberman (2003) aponta que dentre as soluções encontradas para continuar com a produção da literatura destinadas as crianças aqui no Brasil, estavam: a tradução de obras estrangeiras; as adaptações para o público infantil de obras que anteriormente já tinham sido escritas para o público adulto; o reciclamento de materiais didáticos e o retorno de contos que faziam parte da tradição popular. Dessa maneira, a Europa que por tanto tempo foi um espelho em questões políticas e sociais para o Brasil, agora não de maneira diferente, continuaria a ser um modelo de referência em relação a obras destinadas ao público infantil.

A literatura infantil nacional logo no início de sua criação bebeu em outras fontes literárias para que suas

primeiras obras fossem surgindo. Zilberman (2003) contribui com importantes considerações para o conhecimento da história da literatura infantil:

No começo, a literatura infantil se alimenta de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se converteram nos contos para crianças; ao público de outros países, determinando nesse caso, traduções para a língua portuguesa. Há um último segmento que vale a pena citar: as obras destinadas á escola. (ZILBERMAN, 2003, p.18)

Entre adaptações e narrativas que se transformaram em contos para crianças, a literatura brasileira foi dando seus primeiros passos no ramo de publicações destinadas aos leitores iniciantes. Dentre os pioneiros da literatura infantil brasileira, está o escritor Carl Jansen (1829-1889), nascido na Alemanha, mas ainda na juventude passou a morar no Brasil. Entre os anos 1880 e 1890, traduziu clássicos como *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Munchausen* (1881) e *D. Quixote de la Mancha* (1886).

Outro precursor que contribuiu para a literatura infantil brasileira foi Figueiredo Pimentel (1869-1914) o qual foi responsável pela publicação de coletâneas de sucesso, dentre elas está os *Contos de Carochinha* (1894), onde estão inseridas “as histórias das fadas europeias, ao lado de narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil” (ZILBERMAN, 2003, p.18). No período em que se dava início as linhas editoriais brasileiras de textos direcionados para as crianças, Carl Jansen e Figueiredo Pimentel, também eram responsáveis pelas primeiras edições dos livros didáticos.

Outro escritor de grande importância para a literatura infantil foi Olavo Bilac (1865-1918), suas poesias e fábulas atravessaram gerações. Zilberman ainda reforça que “Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac são os desbravadores da literatura infantil brasileira. [...] Sem eles, talvez os livros nacionais para crianças demorassem a aparecer”. (ZILBERMAN, 2001, p.20).

Por fim, Monteiro Lobato (1882-1948), surgiu como sucessor desse grupo de desbravadores da literatura infantil; Lobato consagrou-se como escritor e escreveu de tal maneira que suas obras até hoje habitam na memória de crianças, jovens e adultos que tiveram contato com suas narrativas.

2. O PROTAGONISMO DUVIDOSO: AS RELEITURAS DOS CLÁSSICOS EUROPEUS

A literatura infantil tem passado por um logo processo de mudança desde a sua criação, entre essas mudanças existem algumas alterações que são significativas na construção dessas narrativas. Monteiro Lobato, grande nome da Literatura infantil brasileira foi um dos precursores quando se trata de dar lugar à criança em narrativas literárias. Em suas obras, o escritor, colocou a criança como personagem central, permitindo que ela viajasse em seu próprio mundo e se encontrasse no contexto cultural representado na narrativa.

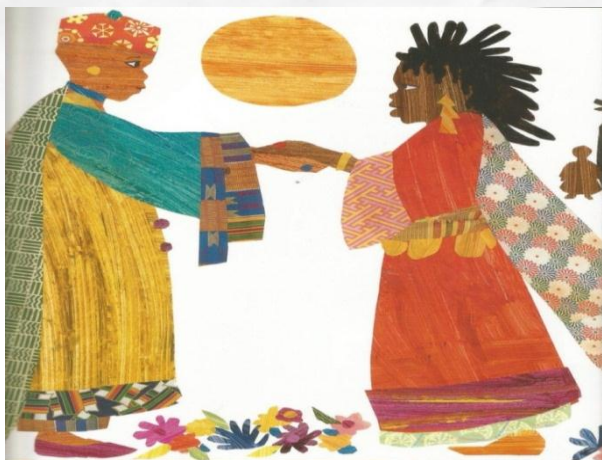
Décadas se passaram e o papel central dado às crianças nas narrativas infantis sofreu mudanças consideráveis, passaram a se inserir nas obras destinadas as crianças, problemas complexos como a construção da identidade. Trilhando um caminho inverso aos dos tradicionais contos infantis, as narrativas contemporâneas trazem personagens conscientes de sua condição social, os quais opinam, questionam e criticam sobre o seu lugar na sociedade.

No início do século XXI, cresceu de maneira considerável as obras endereçadas ao público juvenil, porém algumas marcas específicas começaram a se diferenciar daqueles contos populares que por tanto tempo foram direcionadas às crianças. Nesse novo modelo de narrativa, as princesas também são jovens, negras e de origem africana.

Entre essas adaptações contemporâneas estão às narrativas, *A Princesa e a Ervilha* (2010) e *Rapunzel e o Quibungo* (2012) Essas narrativas são releituras das versões primárias escritas por Charlles Perrault, irmãos Grimm e Hans Christian Andersen. Porém, alguns dos aspectos constituintes dessas obras, levantam algumas dúvidas referentes à sua adequação na representatividade das características africanas.

O livro, *A Princesa e a Ervilha* (2010), adapta a versão primária editada por Hans Christian Andersen. A narração conta a história de um príncipe que desejava se casar com uma verdadeira princesa e que passou por muitos lugares da África, mas não encontrou nenhuma que o agradasse. Em uma noite de tempestade, bate em sua porta uma moça que se dizia ser uma princesa, toda encharcada e pedindo abrigo, mas todos queriam saber se ela era mesmo uma princesa, como ela se dizia ser. Ao dormir, a jovem é submetida a uma prova que seria capaz de mostrar a sensibilidade que só uma princesa possui. No dia seguinte, soube-se que ela era uma princesa de verdade e o príncipe então a tomou como sua esposa. Observaremos a seguir alguns traços do texto visual:

Figura 5 – O casamento do príncipe com a princesa



Fonte: Isadora (2010, p. 27)

A ilustração apresentada na figura 5 remete ao continente africano em relação ao seu multiculturalismo. As imagens chamam a atenção por apresentarem uma riqueza de detalhes, principalmente em relação às cores e as vestimentas dos personagens.

Rapunzel e o Quibungo (2012) propõe uma releitura da versão primária escrita pelos irmãos Grimm. A adaptação contemporânea conta a história da menina de cabelos longos que brincava na beira da Lagoa do Abaeté quando foi raptada pelo Quibungo. Maravilhado com a voz e a cantoria da menina, o papão a fez prisioneira em uma torre de bambu, para que ela cantasse só para ele. Mas um dia, o príncipe Dakarai, que estava caçando por ali, ouviu o canto mais lindo e triste da moça, vindo da alta torre, por cima da castanheira. Esperou, escutou, viu e aprendeu como chegar até ela. Daí por diante o príncipe levava para Rapunzel frutas e presentes, mas o Quibungo descobriu tudo quando notou o colar de sementes coloridas no pescoço de sua prisioneira. Como castigo, cortou as tranças da moça e empurrou das alturas o príncipe, porém ele não contava com a reação corajosa de Rapunzel e nem com a impossibilidade de pronunciar as palavras mágicas que o transformariam em morcego, na hora do perigo.

Tanto no texto verbal, quanto no ilustrado, observamos que a história clássica de Rapunzel é transferida para um novo espaço e ao transitar de invernos europeus para as lagoas tropicais da Bahia se desenham outros cenários, em que castelos de pedras são substituídos por torres de bambus. E o gosto de ouvir e contar são regados às frutas, o que reforça os aspectos de tropicalismos brasileiros. As transformações das marcas europeias no que se

refere aos aspectos físicos que compõem a imagem da princesa podem ser vistas na ilustração a seguir:

Figura 6 – Rapunzel de cabelos curtos



Fonte: Coelho; Agostinho (2012, p. 14)

Na figura 6, o corte dos cabelos da menina também remete a simbologia. Além da força física, sedução e vaidade, os cabelos da cabeça estão ligados às questões espirituais. Na história de Rapunzel também significa sua passagem de menina a mulher.

Em relação ao texto visual dessas narrativas apresentadas, verificamos que ainda é predominante nos ilustradores das obras com temáticas africanas a exploração das cores. Não conseguimos encontrar nessas imagens que dialogam com os textos verbais outros aspectos que remetam as culturas, tradições ou religiões africanas.

A partir das apresentações dos textos verbais, constatamos que essas produções possuem as princesas negras africanas como protagonistas, mas não apresentam uma narrativa que remeta em sua totalidade a cultura africana. Percebemos a repetição dos mesmos elementos presentes nos contos europeus, inclusive as descrições das princesas e as maneiras de comportamento. Somente o traço estético é bastante reforçado, onde percebemos que o tom de pele e os estilos de cabelos são marcas concretas da cultura afro-brasileira que tem reivindicado ser representada nas narrativas de princesas. Por tanto, concluímos que as pequenas mudanças que ocorrem tornam-se quase invisíveis, pois a montagem geral da obra permanece a mesma. Essas adaptações se repetem em relação as suas versões primárias europeias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da leitura e da análise dessas obras, entendemos que essas publicações não estão contribuindo para o resgate da memória africana, pelo contrário, elas continuam a reproduzir o modelo europeu tão pertinente nos contos populares. Diante disso, reiteramos que inserir princesas negras na literatura infantil e juvenil, não se trata apenas de modificar a cor da pele, o maior objetivo de retratar as princesas africanas deveria ser o de contribuir para a propagação da cultura desse povo que por tanto tempo foi esquecido, a fim de cooperar para a consolidação da identidade das princesas africanas nos contos populares contemporâneos escritos

Ainda se faz notável entre essas obras a influência eurocêntrica para a construção dessas narrativas. Não apontamos como um erro adaptar as versões europeias, porém, nesse momento onde de certa forma busca-se uma construção da identidade africana, é preciso que os escritores brasileiros desvinculem-se desse modelo europeu já consolidado e aproximem-se para resgatar traços específicos africanos que possam ampliar o conhecimento o universo dos leitores infantis e juvenis, pois assim como a literatura africana está tentando tornar-se independente de Portugal, as obras brasileiras com temáticas africanas também precisam seguir esse caminho em relação aos clássicos europeus.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. **Rapunzel e o Quibungo**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infantil Juvenil**. 4. Ed.. São Paulo: Ática, 1991.
- ISADORA, Rachel. **A Princesa e a Ervilha**. São Paulo: Farol Literário, 2010.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira - Histórias e Histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2010.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br